

A Flecha de Fogo: Subversão e Decolonização na Literatura Fantástica Brasileira¹

Hess Takashima Grigorowitschs²
PUC-SP

RESUMO

Este artigo analisa o romance brasileiro *A Flecha de Fogo* (2018), de Leonel Caldela, como uma tentativa de subverter, de maneira decolonial, os padrões tradicionais da fantasia literária eurocêntrica. Utilizando os pensamentos de Césaire, Quijano e Fanon, demonstramos como o romance pode ser entendido como uma crítica à desumanização colonial e ao eurocentrismo. Incorporamos ainda Cavarero e sua ontologia vocal para analisar também nuances da comunicação oral explorados neste livro.

PALAVRAS-CHAVE: decolonialidade; literatura brasileira; política; tormenta; violência.

INTRODUÇÃO

“*A Flecha de Fogo*”, de Leonel Caldela (2018), é um romance brasileiro de fantasia, parte do cenário, também totalmente brasileiro, chamado *Tormenta*. Este cenário, originalmente criado para jogos de RPG (ou “jogo de interpretação de personagem”), serviu de base, ao longo dos anos, para uma série de contos e romances de diferentes autores. Essas histórias, em sua maioria, preocupam-se em servir de lazer, narrando aventuras, guerras, heroísmos e outros temas comuns da literatura popular. Essas características, no entanto, não impedem que uma obra seja analisada como metáfora para que se discutam temas variados que extrapolam sua narrativa fantástica. “*A Flecha de Fogo*” narra uma história cuja essência é o embate entre povos e culturas que existem em relação assimétrica de poder. O protagonista, Corben, que se entende como parte de um mundo civilizado, é capturado por um povo, aos seus olhos, selvagem. Ao longo do tempo, este personagem começa a compreender que está diante de uma civilização não melhor ou pior, mas diferente. A trama se desenvolve de modo que percebemos que ambas as civilizações e estilos de vida tem sua moralidade, seus pontos fortes e suas incoerências. Ambas as sociedades têm valores admiráveis e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 17 - Estudos de mídia e decolonialidade, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando do programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. email: hesstg@hotmail.com.

injustiças ultrajantes. Caldela, dessa forma, é bem sucedido em evitar cair num mito do bom selvagem, enquanto entrega tanto entretenimento quanto uma boa metáfora crítica sobre decolonialidade.

Como contexto da história, há um cenário de conflito secular entre os goblinoides e os “povos civilizados”. Essa outra civilização que captura Corben é considerada uma civilização monstruosa. Os povos goblinóides, criaturas originalmente oriundas do folclore nórdico, são comuns em histórias de fantasia medieval, como no clássico do gênero “O Senhor dos Anéis”. O romance de Caldela parte do pressuposto de que o leitor, por conta do histórico dessas criaturas em outras obras, assume os goblins como monstros incultos, selvagens e vilões, tal qual o próprio protagonista faz. Numa clara analogia à relação entre Europa e periferia global (colonizável sob um olhar eurocêntrico), Corben vem de um contexto da técnica e da racionalidade, sendo ele mesmo tanto um cientista quanto um religioso da fé “correta”. Os goblins, por outro lado, são a princípio apresentados de maneira estereotipada, como criaturas incultas e violentas, avessas à civilização e à ciência, devotos de divindades primitivas. Liderados por um líder misterioso considerado selvagem e sanguinário, eles destruíram cidades e expulsaram seus moradores, num avanço territorial. Corben e seu povo encaram esses acontecimentos como invasões bárbaras, a serem reprimidas custe o que custar. Numa dessas incursões, entretanto, o próprio Corben fora capturado, e assim dá-se início à jornada de descoberta e reflexão do livro. Passando meses cativo, levado pela sua curiosidade, ele começa a observar e a tentar compreender o estilo de vida de seus captadores. A princípio, lhe é inevitável um olhar de superioridade, essencialmente baseado em literais preconceitos.

À medida que se permite criticar sua própria cosmovisão, o protagonista começa a compreender que essa outra civilização é bem mais complexa do que ele antes imaginava. Essa mudança de ponto de vista ocorre parte por autocrítica, porém parte pela realidade que lhe é imposta. Corben percebe que, ele mesmo, é considerado nesse mundo um selvagem inculto. Idiomas cheios de nuances, organizações sociais complexas e enormes regiões metropolitanas fazem o humano apequenar-se em si mesmo, o que o leva eventualmente a reconsiderar suas convicções e suas verdades.

FUNDAMENTAÇÃO E ANÁLISE

A análise do romance em questão como metáfora poderia ser feita sob diversos prismas. Para este estudo, escolhemos alguns pontos de interesse:

- A construção e desconstrução de um outro, pertencente a diferentes etnias (ou, no caso do romance, raças), como um ser monstruoso, espelhando assim um racismo eurocêntrico colonial (QUIJANO, 2005);
- O epistemicídio, ou seja, a desvalorização e destruição de saberes marginalizados, primando por um conceito autocentrado de ciência e de valoração do conhecimento (dialogando diretamente com a violência material e epistêmica do colonialismo, segundo Aimé Césaire (2020);
- A violência como ato decolonial e catalisador da libertação, tal qual a ambiguidade moral do colonizador (FANON, 2022);

Um tema que permeia todo romance é a simplificação do outro, o reducionismo de seu opositor. Os continentes em conflito - a terra dos goblinóides e a terra dos povos “civilizados” - vivem pela oposição, em relação autoritária. Nessa oposição, acabam por se definir pelo que consideram ser seu antagonista, o que reduz a complexidade de suas existências. A jornada pela qual Corben passa é uma jornada de aceitação da complexidade. Ele se depara com questionamentos sobre como definir um povo sem ser por questões raciais ou geográficas. Além disso, também se depara com uma proposta de mundo que propõe a vida, a diversidade, a criação e as cores, numa eterna reformulação criativa. O personagem também acaba por entender como não só o idioma, mas a estrutura vocal dos goblinóides como um todo, são parte importante do entendimento das diferenças culturais destes povos. Estes apresentam uma pluralidade de vozes bem maior do que a dos povos ditos civilizados, também como metáfora de diversidade.

Como dito anteriormente, o protagonista passa por uma reflexão gradual de sua cosmovisão. Um personagem que tem papel importante nesse processo é a própria captora de Corben. A personagem chamada Maryx “Corta-Sangue”, uma valorosa guerreira goblinóide, a princípio é retratada como uma caçadora de humanos. Ela mesma, no início de seu contato com Corben, o trata com desprezo, desdém e anseios de vingança pelo seu povo. Ao longo do tempo, ela mesma acaba também por

complexificar sua visão de mundo e sua forma de lidar com o outro diferente (ainda que menos do que Corben). Eventualmente, ela deixa de ser apenas a captora de Corben e torna-se de alguma forma uma supervisora dele, até o ponto em que ela mesma passa a se considerar uma amiga. Ainda assim, em diversos momentos da narrativa, ela tem o papel de apresentar ao protagonista um choque de visões, como visto em:

- As leis dos deuses são as mesmas em qualquer lugar - argumentei. - O mundo todo funciona pelas mesmas regras. Maryx Corta-Sangue se virou para mim, olhou-me com calma e falou algo que determinaria boa parte de minha vida:
- É muito conveniente para vocês que as leis universais dos deuses sejam reflexo da maneira de pensar dos humanos e dos elfos. (CALDELA, p.198)

O trecho anterior exemplifica que, tal qual na expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo, principalmente nas américas, ocorre um processo no qual o colonizador normaliza para si mesmo uma noção de superioridade do seu povo. Essa noção acaba por servir de justificativa para a naturalização das relações coloniais de dominação. Assim, “...os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais” (QUIJANO, p.3). Ou seja, a desvalorização da cultura e de aspectos religiosos de um povo são instrumentos utilizados para colonizar “...perspectivas cognitivas (...) do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo” (QUIJANO, p.9).

Outro momento do livro interessante no sentido de metaforizar a reação do colonizador ao se deparar com a complexidade da civilização considerada inferior se dá quando Corben vislumbra a cidade de Farddenn, a capital do continente dominado pelos goblinóides. Ele relata, em primeira pessoa, como se deslumbrado em conversa consigo mesmo:

- “Cidade goblinóide” é um termo errôneo, mas nossa língua comum não possui outro. Falar numa cidade goblinóide faz pensar que é como uma cidade humana, élfica ou anã, apenas com goblinóides substituindo as raças civilizadas que conhecemos. Talvez com arquitetura ou organização diferentes. Eu nem mesmo tinha vocabulário para descrever Farddenn. (CALDELA, p. 215)

O que gera tamanho impacto em Corben no trecho acima é a pressuposição de que civilizações, metrópoles, formas organizadas de vida em conjunto e coesão social seriam privilégios de seu povo. Novamente, esse trecho faz eco à forma eurocêntrica de

pensar que “...a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus” (QUIJANO, p. 10). Ou seja, de simplificar o outro no dualismo primitivo-civilizado, irracional-racional, mágico-científico.

REFERÊNCIAS

CALDELA, Leonel. **A flecha de fogo**. Porto Alegre: Jambô, 2018.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2025

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278. Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em: jan 2025.